

# REAÇÕES DE ADMETO

Vania Maria Moragas Ferreira

## RESUMO

Este artigo pretende apresentar uma breve reflexão sobre a tragédia *Alceste*, de Eurípides, considerando as reações de Admeto, esposo da protagonista, diante da necessidade de encontrar alguém que se oferecesse para morrer em seu lugar e seguir para o Hades. Conceitos relevantes como “sacrifício”, “perjúrio” e questões relativas a pedidos no leito de morte, são problematizados em suas definições e preconceitos que os cercam. Por fim, ver-se-á surgir algumas definições acerca do caráter desse homem.

**PALAVRAS-CHAVE** Alceste; Admeto; sacrifício; perjúrio.

## ABSTRACT

This article aims to present a brief reflection on the tragedy *Alcestis* of Euripides, considering the reactions of Admetus, the husband of the protagonist, the need to find someone who volunteered to die in your place and go to Hades. Relevant concepts as "sacrifice," "perjury" and issues relating to applications on their deathbed, are problematized in their definitions and prejudice that surround them. Finally, see will be some definitions about the character of this man.

**KEYWORDS** Alcestis; Admetus; sacrifice; perjury.

*Alceste* foi encenada nas Dionísias Urbanas em 438 a.C.. A peça narra a história de uma esposa, Alceste, que aceita morrer no lugar de seu marido, Admeto. Este, apesar de seu infortúnio, não se esquece das regras de hospitalidade e convida o viajante Hércules para ficar em sua casa. O guerreiro aceita o convite do anfitrião e banqueteia-se na casa em luto. Aqui temos uma interessante inserção de festa no luto<sup>1</sup>.

Porém, quando toma conhecimento da real situação da casa de Admeto, o hóspede decide recompensar o amigo indo até o Hades e trazendo-lhe Alceste de volta.

Já no prólogo temos uma situação inusitada, pois é concedido a Admeto que seja poupado da morte se ele vier a encontrar outra pessoa para morrer em seu lugar:

Apolo: - [...] sendo eu justo, encontrava um homem justo no filho de Feres, que livrei da morte, enganando as Parcas; e as deusas prometeram-me que Admeto escaparia à morte iminente se entregasse em troca outro morto aos senhores dos Infernos.[...]<sup>2</sup>

Esta passagem é bastante questionada pelos críticos que apontam para uma situação baseada na impossibilidade<sup>3</sup>. O que faz um cidadão pensar que pode barganhar com a morte? Na verdade, a "negociação" foi feita por intermédio de Apolo e esse é outro ponto que gera controvérsias. O tema da irreversibilidade da morte e do suborno das moiras para restauração da vida sugere que o ponto de vista divino a respeito da morte é bem diferente do humano, uma vez que Apolo, como deus e imortal, tem um pequeno entendimento do que significa a morte para um mortal. Ele ajuda Admeto por simpatia e não por entender sua mortal condição<sup>4</sup>. Anulada a negociação do deus, ao final do drama, Alceste retorna à vida, e a morte, que precisaria de uma vida para substituir a de Admeto, acaba por não obter nenhum cadáver, ficando, por assim dizer, "no prejuízo".

Enfim, apesar de sua condição mortal, Admeto busca alguém para substituí-lo e como nem mesmo seus pais, já idosos, aceitam o sacrifício, caberá à sua esposa a tarefa de morrer em seu lugar. Esta passagem merece algumas considerações no sentido de sabermos que tipo de homem é Admeto. Certamente existem várias leituras possíveis para este personagem. Luschnig e Roisman (2003:164-165) admitem duas versões para o seu comportamento:

1. A primeira é que Alceste empreende uma ação heróica para salvar o marido, o qual, ignorante, não sabe o que todos os gregos sabem: a vida é frágil, ele é mortal e que o que estava acontecendo naquele momento com Alceste, mais dia menos dia, aconteceria também a ele, dada a sua condição de mortal.

Nessa situação, mesmo involuntariamente, ele talvez não se eleve à condição de herói, mas certamente contribui para a ressurreição e o retorno de sua esposa<sup>5</sup>.

2. A segunda e, a nosso ver, uma visão mais coerente, é a de um Admeto egoísta, absorvido pela sua limitada capacidade de entender qualquer coisa senão o seu querer imediato. Admeto não tem senso de causa e efeito ou se coloca acima de sua situação infeliz. Alceste concorda com a morte por ele, bem como aparenta

não ter ilusões a respeito do marido, a tal ponto que, para morrer em seu lugar, faz exigências que dificilmente seriam cumpridas. Ela sabia que ele a odiaria e tornaria sua vida miserável se ela se negasse a morrer por ele<sup>6</sup>. Bem, a julgar pelo comportamento dele diante da recusa dos pais em morrer em seu lugar, não seria difícil imaginar que atitudes tomaria contra a esposa se ela também relutasse.

Além dessas leituras, poderíamos apontar uma terceira versão para o proceder de Admeto:

3. Imaginemos um Admeto que, em ato de nobreza e tentando manter a estabilidade familiar, aceita perder a esposa e continuar vivo em prol do *oikos*.

Essa hipótese, caso seja culturalmente viável, é ridicularizada pela condição estabelecida por Alceste que resumidamente é a seguinte, ‘morro por você desde que você se torne a *dona* da casa’.

E, o que a princípio pode parecer engraçado – uma pessoa buscando avidamente alguém que queira morrer em seu lugar e aceitando pagar qualquer preço por isso, acaba por revelar um ser mortal que teme o que Ihe é essência: a morte. Tal denúncia se repete em vários níveis, no comportamento de Admeto, no comportamento de seus pais, que, embora senis, continuam apegados à vida e na atitude de uma esposa disposta a um sacrifício extremo pelo amor ao marido, mas que, para realizá-lo obriga o cônjuge a viver uma vida de morte, sem alegrias. Alceste, nos versos 305-310, faz, no leito de morte, um último pedido com exigências cruéis e avassaladoras. Ela pede a Admeto que não volte a se casar e que nunca mais coloque outra mulher em seu lugar. Este pedido mostra-nos que Alceste não é, como parece, a melhor das esposas, uma vez que agindo assim, ela quer que Admeto deixe de lado a sua masculinidade e passe a viver somente em função dos filhos, exercendo exclusivamente a função doméstica destinada ao feminino. A sua bondade tem um preço – ela morre em seu lugar, ganha as glórias de herói e ele, em troca, abandona de vez qualquer possibilidade de uma outra vida viril:

Alceste - [...] Pois bem! Mostra-te agora reconhecido para comigo; o que eu te pedir – não pagarás a tua dívida, pois nada é mais precioso do que a vida – é a coisa justa, como tu próprio reconhecerás, porque não amas menos estas crianças do que eu, se o teu juízo está são. Deixa que elas sejam os senhores da minha casa e não lhes dês uma madrasta que, sendo mulher pior do que eu, há de oprimir, por ciúmes, os teus e meus filhos. Não faças isto, peço-te<sup>7</sup>.

Após Admeto concordar com o pedido, ela diz: “nestas condições, recebe estas crianças da minha mão”. Admeto não só promete o que exige a mulher, como também chega ao ridículo de declarar que colocará em sua cama uma estátua de Alceste como representação da esposa:

[...] E a imagem do teu corpo, feita por hábeis artistas, será estendida no meu leito; junto dela me deitarei e, estreitando-a nas minhas mãos, chamando pelo teu nome, julgarei ter nos braços a minha querida esposa, embora ela não exista; gélida alegria, eu sei, mas forma de aliviar o peso do meu coração. Se me apareceres muitas vezes em sonhos, serás o meu deleite, porque é doce ver, mesmo de noite, quem se ama, qualquer que seja o tempo concedido.[...] <sup>8</sup>

Passa o homem a 'brincar de boneca', a depender de um fetiche<sup>9</sup>. Esta situação, evidentemente, provoca riso, já que Admeto não se dá conta do absurdo de sua declaração. No entanto, o que temos aqui é um sacrifício por parte de Admeto tão grande quanto o de Alceste, pois ele assumiria as funções, dentro de casa, de mulher. Ela pede para que ele seja, a partir daquele momento, mãe das crianças: "sê tu a mãe para estes filhos, em meu lugar."<sup>10</sup>

Esta cena traz no fundo uma crueza que, dificilmente, passaria despercebida pelo espectador, pois o que Alceste faz é matar Admeto em vida. Ela morrerá em seu lugar, mas o preço que ele deverá pagar é muito alto. Retomando o que foi dito anteriormente: será que ela está realmente se sacrificando pelo amor do marido ou ele é que estará se sacrificando por amor a ela ou por amor a si mesmo, já que preferira encontrar alguém que morresse em seu lugar? Questões como estas nos fazem escolher a versão três para o comportamento de Admeto conforme já explicitamos anteriormente.

Não podemos deixar de comentar que em relação à esposa passa-se algo que merece nossa atenção: o pedido intrigante no leito de morte. Alceste, que aparentemente não age, dando-nos a impressão de heroína pronta para suportar o seu destino sem qualquer palavra de apoio, gesto de consolo ou poder que possa reverter sua situação, faz um pedido ao marido que ele dificilmente cumpriria, já que o cumprimento de tal promessa faria de sua vida um tormento. Parece ter feito um pedido descabido a seu marido, pois pede ao marido que se anule como homem e passe a ser pai e mãe das crianças.

Essas considerações permitem-nos voltar à questão da desmedida dessa protagonista, que pede ao seu marido sacrifícios despropositados. O que teria possibilitado a verossimilhança para esse pedido, em outras palavras, o que teria possibilitado uma possível crença de que ele atenderia, na ausência delas, ao seu pedido? Como se vê, houve, por parte da protagonista, uma valorização excessiva da morte. Alceste se achou no direito de exigir do marido um pagamento, uma vez que aceitou morrer em seu lugar.

Se retomarmos o contexto desse autor contestador, avesso a hipocrisia, diremos que as inversões são muito significativas. Alceste, no *Banquete* (179 b)<sup>11</sup> de Platão, é exaltada como a única pessoa que decidiu morrer por seu marido: a despeito de este ter ainda um pai e uma mãe, ela conseguiu superar com seu amor o amor dos outros. Vê-se que Eurípides não segue essa linha de pensamento, pois, diante da proximidade da morte, o dramaturgo faz de Alceste uma mulher que exige promessas para o cumprimento de seu ato de 'despojar-se' da vida. Admeto promete todas as coisas exigidas como forma de reconhecimento de tamanho sacrifício. A sutileza de impor regras para o *post-mortem* macula a aura de bondade conquistada. A imagem de mulher ideal fica distorcida. A vida foi comerciada. O preço para

Admeto pagar por permanecer vivo ou por permitir que a esposa morra em seu lugar foi: ele precisa, ao entrar em casa, deixar as funções viris e viver o obscurecido papel da senhora do *oikos*.

Diante de tal coação, resta para Admeto refugiar-se no perjúrio. Assumir a condição de quem quebra um ato sagrado proferido em situação solene é – para homem digno – peso bastante para fazê-lo trágico.

Outra cena que nos chama a atenção e que é bastante comentada é o *agón* entre Admeto e seu pai Feres e que se passa durante os rituais fúnebres. Em uma disputa intensa, que acaba por chocar-nos devido às palavras duras de ambos, pai e filho fazem acusações mútuas pela morte de Alceste. Esta cena apresenta uma grande carga dramática, o que não dispensa o sorriso de ironia que brota das agressões recíprocas. O trecho transcrito a seguir mostra-nos o grau de dureza nas palavras de pai e filho<sup>12</sup>:

[...]

Admeto – Continua, que eu responder-te-ei. E se te custa ouvir a verdade, então não devias ter procedido mal para comigo.

Feres – Morrendo por ti, teria procedido pior.

Admeto – É a mesma coisa, morrer um homem cheio de vida ou um velho?

Feres – Temos uma só vida para viver e não duas.

Admeto – Pois que eu viva ainda mais tempo do que Zeus!

Feres – Amaldiçoas os teus pais sem que te tenham feito mal nenhum?

Admeto – Percebi que está sedento de uma vida longa.

Feres – E tu, não é verdade que vais enterrar este cadáver em vez do teu?

Admeto – Sinal da tua covardia, miserável!

Feres – Não foi por minha causa que morreu; não podes dizer isso.

Admeto – Ah! Oxalá um dia venhas a precisar de mim!

Feres – Faz a corte a muitas a ver se morre a maioria.

[...]

A discussão se desenvolve por mais alguns versos sempre no mesmo tom, sem que nenhum dos dois se dê por vencido, ao contrário, exaltam-se cada vez mais a ponto de Feres chamar Admeto de oportunista e assassino de Alceste<sup>13</sup>.

Após os rituais, Admeto, ao retornar ao palácio, faz um discurso que não condiz com as circunstâncias:

Oh! Longas dores e aflições pelos nossos que estão debaixo da terra! Por que não me deixaste lançar-me no fosso do sepulcro, para jazer morto junto desta mulher, a mais nobre de todas? Hades receberia duas vidas fidelíssimas, em vez de uma só, e ambas atravessariam, ao mesmo tempo, o lago subterrâneo.<sup>14</sup>

Que desejo de morte é esse em Admeto, visto que a esposa morreu para que ele vivesse? A opção de continuar vivo e deixar que ela morresse em seu lugar foi feita não só por Alceste, mas por ele também, portanto esse discurso é bastante contraditório. Apesar de contraditória, esta passagem é vista como o movimento mais trágico da peça<sup>15</sup>, uma vez que Admeto percebe no que sua vida se tornou. Entretanto o trágico se manifesta no exagerado, melodramático e patético. A atitude de Admeto realça somente o efeito causado por um ato irrevogável por ele próprio intencionalmente praticado (a entrega de Alceste para a morte).

Ao analisarmos a cena final da peça, verificamos uma grande ironia. Hércules – que disse anteriormente que mortais devem pensar como tal, traz Alceste de volta à vida e, chegando ao palácio, encontra Admeto inconsolável. O filho de Zeus e Alcmena, sem dizer de quem se tratava, pede a Admeto que fique com a mulher que havia sido dada como prêmio de uma vitória nos jogos e com esse ato propõe a imortalidade na vida mortal.

A princípio Admeto resiste; tinha jurado a Alceste que não colocaria outra mulher em seu lugar. Neste trecho da peça, Admeto, por várias vezes, recusa receber a mulher e utiliza expressões de lamento como: “Oh! Como sou infeliz! Começo já a experimentar a amargura deste luto”; “pelos deuses, leva esta mulher para longe da minha vista”, dentre outras. Todavia, diante da insistência de Hércules e também da vontade de ter consigo novamente uma figura feminina, ele desobriga-se do juramento e comete perjúrio aceitando em casa a mulher até então desconhecida.

E apesar de sabermos que o trecho final é controverso, chegando a ser considerado por alguns como espúrio<sup>16</sup>, acreditamos que esta grande ironia é de fundamental importância para que o trágico se concretize. A traição de Admeto é o ponto crucial e o que aparentemente é um final feliz, é, de fato, uma situação insustentável para Alceste bem como para Admeto que sofrerá no convívio com a mulher o estigma de perjuro.

Nesse passo, é natural lembrarmos dos movimentos de vingança que fez Medéia depois que Jasão quebrou os juramentos proferidos a ela. Acrescente-se que o texto menciona uma Alceste velada – o que pode comprovar o desconhecimento de que o ‘prêmio’ dado por Hércules era a sua ‘finada’ esposa. O que para Admeto foi à primeira vista motivo de alegria – perceber que se tratava de sua esposa, poderia se transformar em aflição, pois, com o retorno de Alceste, instaura-se a dúvida: a profecia não se realizou e uma outra pessoa teria que estar disposta ao mesmo sacrifício por ele ou será que a Morte aceitaria tudo e daria o caso por encerrado?

Ao fim de tal panorama, apesar de sua brevidade, podem ser tecidas algumas considerações a respeito desse homem, pois Admeto, o soberano da cidade de Feres, é necessário à *pólis*, por isso não deve morrer. Entretanto, na intimidade de sua casa, Admeto necessita de Alceste. Nessa perspectiva, cada um tem seu espaço de poder, seu domínio. Contudo, esse poder não abrange a faculdade de escolha em relação ao reino dos mortos, isto é, não é possível dizer quem deve ou não morrer de acordo com a necessidade de um ou outro segmento da sociedade. Sim, Admeto era necessário à *pólis*, mas Alceste era necessária para

seu esposo e seus filhos ainda pequenos. Dadas as circunstâncias na peça, prevaleceu a necessidade da *pólis* frente à necessidade da família.

Admeto reconhece que a vida sem Alceste não é vida. Ele sofre a ausência da esposa lamentando-se: "que maior desgraça para um homem do que perder uma fiel esposa?"<sup>17</sup>, diz que inveja os mortos e que desejaria morar com eles no Hades<sup>18</sup> – desejo este bastante improvável, visto que aceitou e que foi às últimas consequências para escapar deste destino. Mas como acreditar nas intenções de Admeto?

Aristóteles, na *Retórica*, afirma que o caráter é o principal meio de persuasão<sup>19</sup>. Talvez esse seja o caminho do nosso desconforto: temos o caráter de Admeto descrito na peça e o marido de Alceste não convence (parte da ambiguidade habilmente construída por Eurípides). Em um dos trechos mais fortes da peça, a disputa entre um velho pai e um filho acochado pela morte, entrevemos as marcas evidentes de uma personagem covarde e insegura. Admeto e seu pai, ambos, trocam acusações pesadas, nas quais fica delineado o caráter do primeiro.

Feres diz que o filho é:

- um pusilânime que conseguiu persuadir a esposa a tomar o seu lugar (para Feres a atitude do filho é sinal de covardia);
- um sofista que descobriu uma boa maneira de nunca morrer: sempre persuadir, com doces palavras, a mulher amante<sup>20</sup>.

Se Apolo elogia Admeto e Hércules também, há que se registrar que seus julgamentos são de deuses, não de homens, e, a julgar pelas palavras do pai, o caráter de Admeto não é invejável. Eurípides não nos mostra o discurso utilizado por Admeto para convencer Alceste, ou, numa melhor hipótese, para aceitar que ela, certa de que se tratava da melhor opção, convencesse-o de que ela devia morrer em seu lugar. Na *Retórica*, 1378a, Aristóteles afirma que são três as causas dos oradores serem dignos de crédito: a prudência, a virtude e a benevolência.

A nosso ver, dessas três, Admeto só não tem uma, a primeira. Ele foi imprudente ao aceitar ou ao convencer Alceste. Sua imprudência se manifesta pelo arrependimento (verdadeiro ou falso) que Eurípides sugere após a morte da rainha e também no ato de acolher Hércules em um momento de luto. A contaminação do deus adentrando um local impuro poderia tornar-se funesta para o anfitrião; felizmente, Hércules foi compreensivo, compadeceu-se de Admeto e resgatou Alceste das garras de *Thanatos*.

Outro aspecto que nos chama a atenção é o fato de Admeto se beneficiar com a morte da esposa que parecia indefesa. Isto, segundo Aristóteles (*Retórica*, 1383b) é motivo de vergonha. No entanto, percebemos que Alceste também tira proveito de Admeto, quando este se encontra despreparado diante da necessidade de pagar pelo grande sacrifício de sua esposa.

Também é vergonhoso não suportar fadigas que os velhos suportam (sinal de falta de energia, de préstimo), a saber, aceitar a hora da morte naturalmente. Como vimos, o filho de Feres tenta trocar com o velho pai o instante de sua morte. Receber benefícios de outro (a vida

recebida de Alceste), ainda segundo Aristóteles, e censurar o benefício recebido (Retórica 1384a) – o que faz Admeto depois de constatar a infelicidade advinda da ausência da esposa – é mais um motivo de vergonha para o rei.

Outro motivo forte para sua falta de pudor é apontado por Feres no grande confronto: Admeto é o causador da morte de Alceste e, quando somos responsáveis por um ato que nos desonra (Retórica 1385a), isto é vergonhoso. Admeto é imprudente e vergonhoso, além de ser considerado covarde pelo próprio pai.

Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, 1109b, ensina que a excelência moral se relaciona com as emoções e as ações. Estas ações podem ser feitas com conhecimento de causa ou por completa ignorância. Podemos simplesmente agir livremente ou sermos forçados a agir. Resta saber se a atitude de Admeto foi voluntária ou se ele foi forçado a pedir o sacrifício de Alceste (*Et. a Nic.*, 1110). Eurípides não esclarece, a ambiguidade continua e nem poderá se resolver porque ela é chave de leitura para a peça, em sua relação estreita com a sofística. São os grandes e poderosos vazios teatrais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. 3ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.
- ARISTOTLE. *Poetics*. Introduction, Commentary and Appendices by D.W. Lucas. Cambridge: Oxford University Press, 1968.
- ARISTÓTELES, *Retórica das Paixões*. Prefácio Michel Meyer. Introd., notas e tradução do grego Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Ética a Nicômaco*. Edição bilíngue tradução de Mª Araujo e Julian Marías. Centro de Estudios Constitucionales. Madrid, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Retórica das Paixões*. ed. Bilingüe. Introd. trad. e notas de Isis Borges da Fonseca. São Paulo, Martins Fontes, 2000
- BARBOSA, Tereza Virgínia R. Sangue, suor e vinho. In: F. Lessa & R. Bustamante (org.) *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. pp. 63-71.
- BENEDETTO, Vincenzo Di. *La Tradizione Manoscritta Euripidea*. Italy. Editrice Antenore - Padova, 1995.
- EURÍPIDES. Alceste. In: *Alceste, Andrômaca, Íon e Bacantes*. trad. de M. O. Pulquério, M. A. N. Malça. et al. Lisboa: Ed. Verbo, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Alcestis*. With Notes and Commentary by C.A.F. Luschnig and H.M. Roisman. University of Oklahoma Press. USA, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Alcestis*. Edited with Introduction and Commentary by A.M. Dale. London: Oxford University Press, 1954.
- \_\_\_\_\_. *Alcestis*. Edited with Introduction and Commentary by D.J. Conacher. 2<sup>nd</sup> revised impression. England: Aris & Philips Ltd., 1993.
- \_\_\_\_\_. *Medéia*. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Medéia*. Trad. Jaa Torrano. Ed. Bilingüe. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.
- PLATÃO. *A República*. trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O Banquete*. trad. intr. e notas de Mª Tereza Schiappa de Azevedo. Lisboa: Edições 70, 1991.
- SOFOCLES. *Sophoclis Fabulae*. H. Lloyd-Jones et N.G. Wilson. Oxford: University Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Antígona*. Introd., versão do grego e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 2ª ed. Instituto Nacional de Investigação Cultural. Coimbra, 1987.

WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U.von. *Qu'est-ce qu'une tragédie attique?* Paris: Les Belles Lettres, 2001.

- 
- <sup>1</sup> Cf. sobre a temática em BARBOSA, T. V. R. Sangue, suor e vinho. In: F. Lessa & R. Bustamante (org.) *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. pp. 63-71.
- <sup>2</sup> EURIPIDES, *Alcestis*. vv. 1-26. Trad. de M. O. Pulquério e M. A. N. Malça.
- <sup>3</sup> CONACHER, D.J., 1993. pág. 36
- <sup>4</sup> ROISMAN, H. M. In: *Euripides' Alcestis with notes and Commentary* by C.A.E. Luschnig and H. Roisman. University of Oklahoma Press. 2003, p. 171-172.
- <sup>5</sup> LUSCHNIG, C.A.E. In: *Euripides' Alcestis with notes and Commentary* by C.A.E. Luschnig and H. Roisman. University of Oklahoma Press, 2003. p. 164.
- <sup>6</sup> ROISMAN, H. M. In: *Euripides' Alcestis with notes and Commentary* by C.A.E. Luschnig and H. Roisman. University of Oklahoma Press, 2003. p. 165.
- <sup>7</sup> EURIPIDES. *Alceste*. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério e Maria Alice Nogueira Malça. v. 297 – 304.
- <sup>8</sup> *Ibidem*, v. 342-350.
- <sup>9</sup> v. 348 ss. Dale discorda que Eurípides tenha em mente 'waxen' uma boneca de cera com intenções mágicas para um ritual tessálio; Willamowitz supõe um 'deslocamento' do mito Protesilau onde Laodameia manda fazer uma imagem do marido para si. Rose remete-nos para fatos históricos em que a situação teria ocorrido. (apud. Dale, p. 79). Hermann chama a estratégia de 'frigidum poetae inventum' – expressão parafraseada de Sófocles, *Antígona* 650 (apud. Earle). Paley afirma que os gregos teriam um profundo sentimento por formas esculpidas (apud Blakeney). De qualquer forma, nessa 'macabra promessa' (expressão de Conacher) a intenção mórbida permanece. Mórbida e cômica ao mesmo tempo. Admeto brinca de boneca.
- <sup>10</sup> *Alceste*. v. 383 a 386. Trad. de M. O. Pulquério e M. A. N. Malça.
- <sup>11</sup> Platão. *O Banquete*. trad. intr. e notas de M<sup>a</sup> Tereza Schiappa de Azevedo. Lisboa: Edições 70, 1991.
- <sup>12</sup> EURIPIDES, *Alceste*, v. 708 a 720. Trad. de M. O. Pulquério e M. A. N. Malça.
- <sup>13</sup> EURIPIDES, *Alceste*, v. 730. Trad. de M. O. Pulquério e M. A. N. Malça.
- <sup>14</sup> *Ibidem*, v. 896 a 901.
- <sup>15</sup> CONACHER, D.J. In: EURIPIDES, *Alceste*, notas e comentários de D.J. Conacher, 1993. p. 189.
- <sup>16</sup> Sobre este assunto ver BENEDETTO, V. *La tradizione manoscritta euripidea*. Padova: Editrice Antenore, 1965. p. 165.
- <sup>17</sup> *Alceste*, v.v. 879-880.
- <sup>18</sup> *Ibidem*, v.v. 865-867.
- <sup>19</sup> *Retórica*, 1356 a.
- <sup>20</sup> *Alceste*, vv. 700-701.